

Jasmin Wrobel (Org.) (2018) *Roteiros de palavras, sons, imagens – Os diálogos transcriativos de Haroldo de Campos*. Instituto Ibero-Americano/Freie Universität Berlin: Frankfurt, 274 pp. (ISBN 978-3-939455-13-4). Brochura.

Julio Mendonça

Haroldo de Campos foi, provavelmente, um dos escritores brasileiros mais cosmopolitas. Não é por outra razão (embora não exclusiva) que o tema da viagem e suas experiências de alteridade seja tão presente em sua obra poética – em *Galáxias*, principalmente, mas também em *Finismundo – A última viagem*. Seu cosmopolitismo, no entanto, não tem nada a ver com o apego à prática do turismo fútil e hedonista; era fruto de uma grande curiosidade e uma autêntica e inquieta visão internacionalista, à qual ele acrescentava, sempre, um interesse crítico pelas questões locais.

Leyla Perrone-Moisés escreveu que “Haroldo esteve sempre em toda parte, antes de todo mundo”. Em artigo recente, Diana Junkes apontou como uma das perspectivas fundamentais de sua obra a “abertura ao diálogo, ao trânsito cultural, poético, acadêmico”. O diálogo e o trânsito cultural se radicalizam no polilinguismo de sua obra poética. Isto não deixa de ser, em parte, uma estratégia de inserção de suas ideias na circulação internacional do pensamento estético e crítico. Ele esteve, de fato, por muitos lugares do mundo e com autores de primeira importância que, muitas vezes, ajudou a divulgar no Brasil, assim como buscava divulgar a si mesmo e a outros autores brasileiros no exterior. Ainda em vida, participou de exposições e publicações internacionais, em livros e periódicos, traduziu muitos autores e foi traduzido. Depois de sua morte, em 2003, a tradução de sua obra poética e crítica e a difusão de estudos a respeito dela vêm ganhando espaço no mapa mundi.

Entre as várias iniciativas recentes neste sentido, destaca-se a publicação, há poucos meses, do livro *Roteiros de palavras, sons, imagens – Os diálogos transcriativos de Haroldo de Campos*, organizado por Jasmin Wrobel para a coleção “Biblioteca Luso-Brasileira”, do Instituto Ibero-Americano, com apoio da Freie Universität Berlin. Trata-se de uma coletânea de ensaios de vários importantes autores de diferentes nacionalidades, oriundos das palestras que proferiram no simpósio “Roteiros de palavras e imagens: poesia concreta, intermedialidade poética e tradução”, realizado em julho de 2013 na Freie Universität Berlin com organização de Susanne Klengel, Márcio Seligmann-Silva e Jasmin Wrobel.

O livro foi organizado em quatro seções ou “roteiros”: “roteiros transpoéticos”, “roteiros de palavras e linguagens”, “roteiros de viagens e memória” e “roteiros transartísticos”. Na primeira seção temática, “roteiros transpoéticos”, os textos focalizam

Haroldo de Campos em seus diálogos poéticos e conceituais. A professora uruguaia Lisa Block de Behar escreve sobre as correlações que o projeto poético de Haroldo estabelece entre criação verbal, tradução e cosmologia. Nathaniel Wolfson, professor na University of California, dedica-se ao diálogo entre Haroldo e o filósofo e semiótico alemão Max Bense e levanta as aproximações e as diferenças entre os dois teóricos – principalmente em relação ao interesse de Bense pela não-semântica na poesia – e suas repercussões no pensamento do primeiro. Joana Matos Frias, da Universidade do Porto, estuda a revisão das ideias de Oswald sobre a antropofagia e seus desenvolvimentos na poesia concreta, na poesia marginal e na poesia brasileira contemporânea (Angélica Freitas e Marília Garcia, p. ex.), ressaltando o entendimento de Haroldo de que a antropofagia seria a expressão do “nacional em relacionamento dialógico e dialético com o universal”. O quarto artigo da primeira parte, da professora da USP Ligia Chiappini, requer da minha parte um comentário mais longo. O texto destoa bastante dos demais estudos do livro – de um modo geral, bastante positivos em suas apreciações da obra de Haroldo – , a ponto de, no último parágrafo, chegar a apontar “algo de provinciano” em Haroldo e demais criadores da poesia concreta. Esclareço, desde já, que considero um mérito do livro a inclusão de um texto de viés bastante divergente. Numa época, como a atual, em que há pouco confronto franco e inteligente de ideias e florescem patrulhas ideológicas é muito encorajador que a organização do livro garanta esse espaço para a divergência. Entretanto, não posso deixar de fazer algumas objeções (e não farei outras porque o espaço, aqui, é exíguo. O artigo da Prof^a Lígia dedica grande parte do seu desenvolvimento a criticar o, ainda hoje (como se vê), polêmico livro de Haroldo *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: O caso Gregório de Matos*, no qual, por sua vez, Haroldo critica os pressupostos que determinaram, na obra de Cândido, a não inclusão de Gregório. A polêmica em torno das diferenças de pressupostos entre os dois autores muitas vezes não dá o devido peso ao fato de que elas são determinadas pelas concepções diversas de tradição que eles tinham. Não se justifica afirmar, como faz a Prof^a Chiappini, que Haroldo não captou os conceitos-chave de Cândido por “falta de uma leitura mais atenta”. Os dois volumes de *Formação da Literatura Brasileira* no Acervo Haroldo de Campos, que se encontram na Casa das Rosas, estão entre os livros mais anotados pelo autor de *Galáxias* e pesquisadores que ali estiveram fizeram notar isto. Certamente, não faltou atenção na leitura. Haroldo, autor de uma geração posterior à de Cândido (que, sabemos, foi seu orientador), tinha uma concepção diversa do cânone. Nenhuma obra literária ou crítica é inquestionável e as obras de Antonio Cândido e de Haroldo de Campos não são exceções. Os problemas que Haroldo via na busca de Cândido por encontrar a origem da literatura na origem da nação podem ser, hoje, ainda mais evidentes quando alguns começam a estudar a literatura numa outra perspectiva de

nação – perspectiva dita decolonial – e decidem incluir a poesia indígena e a poesia negra, por exemplo. Desta perspectiva decolonial, tanto a concepção de tradição de Candido quanto a de Haroldo podem sofrer questionamentos.

A segunda seção temática, “roteiros de palavras e linguagens”, volta-se para o *close-reading* da obra poética e tradutória haroldiana e seu plurilinguismo. Começa com Marcio Seligmann-Silva, professor de Teoria Literária da Unicamp, situando a obra máxima de Haroldo – *Galáxias* – no campo experimental do pós-livro e da pós-história. Seligmann aponta em *Galáxias* uma “arqueologia do presente” e destaca que em sua “proesia” a tradução também é um procedimento fundamental. Simone Homem de Mello, coordenadora do Centro de Estudos da Tradução da Casa Guilherme de Almeida, rastreia as relações de Haroldo com a literatura alemã e identifica, num percurso diacrônico, três momentos distintos dessas relações, culminando na publicação de seu livro *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*, obra na qual a noção haroldiana de “transcrição”, instada pelo caráter paródico do poema de Goethe, desenvolve-se como movimento plagiotrópico e intertextual. Lendo bem de perto o texto de *Galáxias* e comparando-o com o de outros poemas do autor, K. Alfons Knauth – professor de Filologia Românica da Ruhr-Universität Bochum – estuda as diversas faces do plurilinguismo haroldiano. Considera que as “constelações móveis” de *Galáxias* valem-se de polipalavras que transformam palavras dentro do próprio idioma materno e em suas relações com outros idiomas, produzindo um mar-texto “polifluente”.

Na parte 3 do livro – roteiros de viagens e memória” –, os textos se voltam para outra imagem fundamental em Haroldo – a viagem – à qual o tema da memória também está relacionado. Roberto Vecchi – professor de Literatura Portuguesa e Brasileira na Università di Bologna – analisa o poema haroldiano “O anjo esquerdo da história”(1996) (o qual, aliás, também foi objeto de leitura recente por Adam Shellhorse) e reflete sobre as relações entre poesia e política na obra do autor. Jasmin Wrobel – docente da Freie Universität Berlin – refaz os passos de Haroldo em suas primeiras duas viagens à Europa e comenta as “cicatrices textuais” que elas deixaram na “camada subcutânea” do livro *Galáxias*.

A quarta e última seção do livro, “roteiros transartísticos”, reúne textos que estudam as relações de Haroldo e da poesia concreta com outras linguagens artísticas. É bastante conhecido o fato de que os poetas concretos mantiveram intenso interesse e frequente colaboração com artistas de outros campos de criação e Haroldo manteve essas relações até o fim da vida. O texto de Pauline Bachmann – da Universität Zürich – discute o papel da interdisciplinaridade no neoconcretismo e Vinicius Mariano de Carvalho vai às origens da poesia concreta estudar suas relações com a música. Este também é o tema geral da entrevista que Jasmin Wrobel realizou com o compositor e musicólogo Harry Crawl, que

fala, inclusive, de sua “transcrição” musical do poema haroldiano *Finismundo: A última viagem*. Tratando das relações entre palavra e imagem, Gênese Andrade aborda o diálogo de Haroldo com as artes visuais.

Este livro é, sem dúvida, uma contribuição muito importante para a expansão dos estudos da obra de Haroldo de Campos. O fato de reunir, numa publicação realizada na Alemanha, trabalhos de autores oriundos de diversos países confirma a dimensão internacional de Haroldo. Mas, mais do que isto, o livro amplia nossa percepção da visão antecipadora do autor que, em 1955, esboçou o conceito de “obra aberta” que Umberto Eco desenvolveria poucos anos depois. A intrínseca relação entre criação poética, tradução e crítica que Haroldo forjou permitiu a ele antever algumas das transformações pelas quais o mundo começava a passar e contrapor a elas uma obra ousada e em movimento.